

CENA DE SÚPLICA NUMA EPOPEIA DO SÉC. XVII
JAPONIEL SUPLICA A DEUS PAI A PAZ PARA A IGREJA
DO JAPÃO. (PACIECIDOS II. 17-53)

1. Uma epopeia novilatina no séc. XVII

A literatura portuguesa dos séc. XVI e XVII foi, como é sabido, fértil em poesia épica, género poético de elevado prestígio na época, reforçado, sem dúvida, pelo protagonismo da epopeia camonianana. A poesia novilatina do humanismo português deste período, pela sua própria natureza, hoje muito menos conhecida, tem também ela um razoável *corpus* épico que vale a pena conhecer sob pena de se fazer a crítica da literatura de uma época ignorando uma boa parte dela.

Parece-nos, pois, oportuno, ir dando a conhecer, ainda que de modo fragmentado, algumas dessas obras que merecem, sem dúvida, uma divulgação completa. É o que nos propomos fazer nestas páginas, apresentando e comentando um excerto de uma epopeia novilatina do séc. XVII, o *Paciecidos* do P. Bartolomeu Pereira S.J. publicado em Coimbra no ano de 1640.¹ Este poema épico de 12 livros, com cerca de seis mil versos, canta o martírio do provincial da Companhia de Jesus no Japão, o P. Francisco Pacheco, natural de Ponte de Lima, e de mais oito companheiros queimados vivos em Nagasaki no ano de 1626. Este é o facto central da epopeia mas a narrativa abarca matéria mais extensa que vai desde os primeiros anos de vida do herói princi-

¹ PEREIRA, Bartolomeu, *Paciecidos: libri duodecim: decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus, Pontlimiensis, è Societate Iesu, Japponiae Provincialis eiusdem Ecclesiae Gubernator, ibique uiuus pro Christi fide lento concrematus anno 1626*. Conimbricæ, Expensis Emmanuelis de Carvalho 1640. Fazemos o estudo e comentário desta epopeia de cerca de seis mil versos na dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra: *Santos e Heróis. A Épica Hagiográfica novilatina e o poema Paciecidos (1640) de Bartolomeu Pereira SJ*, Coimbra, 2004.

pal, até à sua acção missionária no Japão, ao tempo de perseguição e cativo, passando pelo tempo de noviciado e formação. A todo o momento porém, digressões episódicas ou descritivas são pretexto para a exaltação da obra da Companhia de Jesus no louvor das suas casas e colégios, e sobretudo no louvor de alguns dos seus membros, figuras de relevo no estudo e no ensino, na formação e na espiritualidade, na missão e no martírio, etc...

Escrito à luz da *imitatio* do modelo épico homérico-virgiliano, o *Paciecidos* oferece ao público do seu tempo, composto sobretudo pelos alunos e mestres dos colégios da Companhia, a grata sensação de descobrir na narrativa de uma matéria histórica recente e afectivamente próxima, a estrutura, as imagens, os motivos virgilianos. Estes processos, veículos de identificação artística da obra com o modelo clássico, conferem às personagens e à própria matéria o estatuto superior que aquele lhes comunica.

As fontes literárias do *Paciecidos*, porém, não se resumem à *Eneida*. Nele podemos ver a influência mais ou menos explícita de outras obras épicas de que podemos destacar a *Farsália* de Lucano, ou *Os Lusíadas* de Camões, bem como dos primeiros poetas cristãos, da literatura martirial e da hagiografia, etc...

Apesar da variedade de fontes, de temas e de motivos, porém, esta epopeia apresenta uma coerente unidade de acção e de lugar, graças a uma *dispositio* cuidadosamente organizada segundo os processos consagrados no modelo clássico: início *in medias res*, analepses, prolepses, profecias, indícios, digressões e episódios, etc...

O excerto que nos propomos apresentar consiste numa cena de súplica. No início do canto II, Deus Pai reúne os seus anjos no Olimpo. Japoniel, o anjo da guarda do Japão, suplica a Deus que conceda à igreja japonesa, contra quem se levanta a perseguição do Cubosama, tempos de paz. Com efeito, no canto I, o leitor já tomou conhecimento da expulsão de Francisco Pacheco e dos companheiros, bem como do seu exílio em Macau. Em narrativa analéptica o herói descreveu já a 'ruína' dos templos cristãos incendiados, a perseguição e os ataques movidos aos cristãos naturais e portugueses.

Esta cena de súplica não pode deixar de evocar a súplica de Vénus junto de Zeus no Canto I da *Eneida*. Porém, a liberdade de Bartolomeu Pereira na imitação do modelo, quer no vocabulário quer mesmo nas imagens usadas, quer ainda na expansão do motivo que serve de base à imitação, permite-nos considerar a riqueza intrínseca do poema. Na verdade, mais do que imitação de um estereótipo, esta cena da epopeia de Bartolomeu Pereira mostra-nos a sua *interpretatio* épica da matéria que celebra, indelevelmente marcada pela condição do jesuíta, mestre de retórica, membro da Ordem missionária mais presente no Japão e que nele conheceu o esplendor de uma igreja pujante e as angústias de uma igreja encurralada na perseguição.

Vejamos o texto e comentêmo-lo depois.

2. *Paciecidos II, 17*

Cumque humiles iam multa Deum consulta rogassent,
Clarior et Phoebi radiis, et flore rosarum
Gratior, in medios sese pulcherrimus infert
Japponiel, regna illa datum populosque potentes 20
Cui regere, atque animos seruare et reddere caelo.
Is flauum effusus crinem, pectusque decorum
Inuoluens lacrymis, alis tegit ora, Deumque
Ter capite inflexo, ter curuo poplite adorans,
Sic ait, e solio facta est ubi copia fandi. 25
“Magne Parens, scis ipse, tibi celare potestas
Nec quidquam est: Iapponum urbes considerare [in] ignes,²
Iesuadas ire exilio, saeuire catannas,
Et tua sacratis turbari altaria templis;
Quo tandem patiere?³ Ruet quorsum iste tyranni 30
Impetus, et **tantum** iuris Vulcanus habebit?
Tanta ne Xaueri subeunt te obluiia? **Totque**

² Ressonância de Virgílio, *Eneida*, II, 624 “Tum uero omne mihi uisum considere in ignis/ Ilium (...)”.

³ Ressonância de Cícero nas famosas *Catilinárias*, 1,1,1.

Villelae **periisse uias, periisse labores**
 Credendum? **Sic** illa mei facta inclyta Cosmi?
Sic lacrymaeque precesque Frois, **sic**que alta Ioannis 35
 Fama? Valignani decus? Vix orta, repente
 Cuncta cadunt? Tenues heu **sic** resoluta per auras
 Conspiciam? Primosque rosas marcescere ad austros?
Parce precor, gentesque **audi** non digna ferentes;
 Quin potius regem, et Bonzos **extingue**, Varellas 40
Verte solo; pudor est Amidae quod sanguine festo
 Arae adeo **exudent**, multoque in thure **uaporent**
 Limina, quae melius flammis absumpta **perirent**.
 O numen terris aequum! Rex omnibus idem,
Da pacem,⁴ regnumque tuis, dirumque scelestis 45
 Supplicium, et meritas soluant cum sanguine poenas.
 Ne dubitet mens caeca hominum, terrasne gubernet
 Cura Dei, mundique artus diffusus in omnes
 Rector eat, factis hominum qui consulat aequus:
 An potius superum mensis, caeloque potitus, 50
 Nil terras meminisse **uelit**, mortalia casu
 Ire **sinat, tot damna pio, tot laeta nocenti**
Permittat, caelique piger **terat** otia regnis.”⁵

Humildes, tinham já feito várias preces a Deus e eis que, mais resplandecente que os raios de sol, mais belo que o encanto das rosas, ergue-se no meio deles o esplêndido Japoniel⁶, a quem coube guiar aqueles reinos e povos poderosos, guardar as suas almas e levá-las ao céu. Com os louros cabelos soltos, cobrindo de lágrimas o peito for-

⁴ Ressonância litúrgica (*introitum ad missam dominicam XVIII*).

⁵ Cfr. II, 26-53:

⁶ O anjo da guarda do Japão é aqui designado com o neologismo de Bartolomeu Pereira. Note-se que o novo termo deixa transparecer os seus membros: o primeiro designa a realidade protegida—*Iapponia* e o segundo é o sufixo hebraico (-el) comum aos nomes dos anjos Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel.

moso, esconde o rosto com as asas, curva três vezes a cabeça, três vezes ajoelha em adoração e assim se dirige a Deus, quando do trono recebe permissão de falar:

“Pai onnipotente, vós o sabeis, que tendes o poder de nada esconder: As cidades do Japão afogam-se em chamas, os jesuítas⁷ partem para o exílio, as catanas dão largas à sua fúria e nos templos sagrados os vossos altares são profanados. Até quando o suportareis? Até onde levará a ruína a cólera de tal tirano? Vulcano terá esse direito? Acaso Vos acomete o esquecimento de Xavier?⁸ Poderei acreditar que pereceram os trabalhos e os progressos de Vilela?⁹ Ou que o mesmo possa ter sucedido com os nobres feitos do meu Cosme?¹⁰ Ou com as lágrimas e as orações de Fróis¹¹ ou com a elevada fama de João?¹² E com a honra de Valignano?¹³ Por tamanho preço alcançados, subitamente hão-se perecer? Oh! Vê-los-ei desfeitos

⁷ Optamos por traduzir assim *iesuadas* e não por ‘jesuítas’, uma vez que a palavra nasceu associada à polémica anti-jesuítica e a ela estaria associada ainda no tempo do poeta, se é que ele a conheceu. O termo foi usado pela primeira vez em 1564 por um jurisconsulto francês. Cfr. *Dictionnaire de la langue française*, Paul Émile Littré, Le club français du livre, Paris, [s.n.], 1956-1958, 7 vol. III, 1956.

⁸ S. Francisco Xavier, o grande impulsionador do cristianismo no Japão. Japoniel ‘recorda’ a Deus Pai os frutos dos primeiros evangelizadores da terra japonesa que agora estão em causa devido à feroz perseguição de que os cristãos são alvo.

⁹ O P.^e Gaspar Vilela, jesuíta português que se encontra entre os primeiros missionários do Japão.

¹⁰ O P.^e Cosme de Torres, jesuíta castelhano, outro dos primeiros missionários do Japão.

¹¹ O conhecido P. Luís Frois, outro jesuíta dos primeiros missionários do Japão, autor de inúmeras cartas das missões que nos deixaram informações preciosas sobre a história das relações luso-nipónicas no séc. XVI.

¹² O P. João Fernandes, outro jesuíta português entre os primeiros missionários do Japão.

¹³ O P. Alexandre Valignano, jesuíta italiano grande promotor das missões portuguesas no Oriente. Foi provincial de Goa e visitador da Índia, da China e do Japão.

por míseros ventos? Verei murchar as flores aos primeiros sopros do Austro? Apiedai-vos, eu vos suplico e ouvi este povo que sofre penas indignas. Porque não aniquilais antes esse rei e os Bonzos?¹⁴ Prostrai por terra as varelas!¹⁵ É vergonhoso que os altares de Amida¹⁶ transbordem de sangue sagrado e que tanto incenso fumegue nos seus limiares, que com mais justiça se deveriam consumir nas chamas!

Ó justo Senhor da Terra, Rei acima de todas as coisas, concedei a paz e o poder ao vosso povo e aos ímpios castigo severo, para que com o seu sangue expiem a pena merecida. Que o espírito cego dos homens não duvide de que o zelo de Deus governa o mundo e que, presente em toda a parte, com justiça Ele vela pelas acções dos homens.

Porventura hão-de julgar que [Deus] dominando no céu e no governo dos santos, quererá esquecer esta terra, consentindo que os mortais caminhem para a perdição, permitindo ao piedoso desgraças e ao ímpio alegrias, consentindo, negligente, tal ociosidade nos reinos celestes?”

3. ‘A súplica’ —identificação com o modelo

Um dos objectivos desta cena de súplica é, sem dúvida, o embelezamento do texto, evocando o modelo virgiliano, por um lado, e por outro proporcionando uma alternância de planos narrativos que pelo efeito lúdico captam o interesse do leitor. Se o poeta queria ‘cantar com Virgílio’¹⁷, como afirmara no prólogo do poema, como poderia deixar de instalar na acção um plano divino? Este contribui seguramente, não só para identificar o poema com o seu modelo, mas também para dignificar a matéria celebrada. O panteão desse plano divino, bipolarizado entre os que apoiam os heróis, cuja acção está integrada nos seus planos, e os que a eles se opõem, é constituído à

¹⁴ Sacerdotes de Buda.

¹⁵ Templos japoneses.

¹⁶ Divindade budista.

¹⁷ ‘Marone cantamus Chorididascolo’ (sic).

imagem do panteão olímpico. O deus supremo é o Deus criador 'Parens' e, por analogia com o panteão greco-romano, rodeiam-no, para além dos anjos e dos santos, as alegorias de virtudes, suas filhas. A designação de Japoniel, a figura do anjo tutelar do Japão, é uma criação do poeta. O ambiente académico da Companhia de Jesus já assistira à utilização artística desta figura e designara-a simplesmente como *Angelus Iaponiae patronus*,¹⁸ mas Bartolomeu Pereira, juntando ao nome da terra protegida o sufixo hebraico comum aos nomes dos anjos Miguel, Gabriel, Rafael e Uriel (-el), criou este nome e deu à figura a caracterização de uma divindade suplicante, bela, triste e lacrimosa que se dirige à divindade suprema para interceder pelo herói seu protegido. Curvando-se três vezes, três vezes se ajoelha antes de falar, num gesto que sintetiza dois universos distintos como o da tradição literária pagã e o da liturgia cristã. Com efeito, a tripla repetição encontra-se documentada quer na *Eneida*¹⁹ quer nos três *ictus* de numerosos gestos rituais cristãos²⁰, o que contribui seguramente para revestir o discurso da súplica épica, da experiência cristã da oração e da prece.

4. Influência retórica na poesia

A posição central da Retórica nos estudos e na formação dos Colégios da Companhia de Jesus faz-se sentir intensamente neste passo do *Paciecidos*. Aliás, todo o poema é um documento disso mesmo. O próprio ensino da poesia sofria grande influxo da disciplina retórica e o poeta '*rhetor*' identificava-se frequentemente com o ora-

¹⁸ Cfr. RAMALHO, Américo Costa, "Aspectos da vida escolar ibérica segundo o *De missione Legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam*", *Para a História do Humanismo em Portugal*, I-IV, Coimbra-Lisboa, 1998-2000, 259-272, vd. p. 268.

¹⁹ Recorde-se, a título de exemplo, as três tentativas de Eneas para abraçar a sombra de Anquises, seu pai, nos infernos (VI, 700-702).

²⁰ Por exemplo, a tripla incensação.

dor. Uma cena de súplica como esta presta-se precisamente aos intentos pedagógicos do poeta, uma vez que lhe permite mostrar como se deve compor o discurso exortativo.

Mestre de Retórica e orador de prestígio, Bartolomeu Pereira não podia deixar de transportar toda a sua bagagem retórica para a poesia, que no seu saber pouco se distinguia daquela. Assim, e embora se trate de um poema narrativo, o *Paciecidos* é constituído em grande parte por discursos.

A súplica de *Japoniel* junto de Deus obedece às normas do discurso deliberativo: a um breve *exordium* (vv. 26-27) e igualmente breve *narratio* (vv. 27-29) segue-se uma longa *argumentatio* predominantemente afectiva e patética, carregada de interrogações retóricas (vv 30-38) formuladas quase como uma exclamação, acentuando assim a evidência da resposta. Seguem-se as preces acumuladas em imperativos (vv. 39-41, 45) e emotivamente carregadas de desejo. O paralelismo sintáctico (v 33), o zeugma (vv 34-37), as repetições, contribuem para a criação dos efeitos patéticos pretendidos com exclamações e interrogações, seguidas de imperativos adequados à *peroratio* e a *commouere*. O ciclo, porém, não encerra com a *peroratio* mas termina com uma violenta *dissimulatio* (vv 50-53) na interrogação retórica em que o anjo simula falta de convicção, ‘fustigando’ afectivamente o interlocutor divino.

Esta organização do discurso denota claramente o pendor retórico que ao longo do poema se faz sentir frequentemente. Em muitos passos estes discursos têm nas personagens os seus destinatários mas muitas vezes é também aos leitores que se dirigem. É o que acontece com o discurso de Japoniel que assume uma dupla função. No plano intradieético, Japoniel procura convencer Deus Pai a favorecer a igreja japonesa devolvendo-lhe o seu pastor, o P. Francisco Pacheco expulso do Japão e exilado em Macau; no plano extradieético o poeta pretende *mouere* o leitor a experimentar os mesmos sentimentos e a aderir aos seus ideais missionários. A enumeração dos primeiros missionários do Japão, para além de contribuir para a *amplificatio* e para o *incrementum* – que aumentam a tensão emotiva e tornam mais

forte o poder argumentativo do discurso diante de Deus – nobilita estas figuras heróicas e a própria Companhia aos olhos do leitor. Além disso, cremos que na perspectiva do poeta o leitor seria movido pelos *exempla* daqueles missionários que tinham deixado a semente do cristianismo no Japão.

Dando lugar a uma clássica cena de súplica que está ao serviço da identificação artística do poema com o modelo épico homérico-virgiliano, Bartolomeu Pereira instala um discurso próprio de que o modelo virgiliano é apenas sugestão, valoriza artisticamente o seu texto e potencia desse modo a eficácia apologética do seu poema.

CARLOTA MIRANDA URBANO